

- VI -**A MEMÓRIA QUE TRADUZ/PRODUZ HISTÓRIAS:
INVESTIGAÇÃO DA TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL DE
UMA UMEI EM NITERÓI, RJ.**

Carla Cristiane Souza da Silveira
UFF/carlaetp@gmail.com

Tereza Cristina de Almeida Guimarães
UNIRIO/tecrisalgui@hotmail.com

INTRODUÇÃO:

Este relato de experiência pretende compartilhar as vivências provenientes de um projeto desenvolvido numa Unidade Municipal de Educação Infantil de horário integral localizada no município de Niterói, a fim de conhecer um pouco mais a história dos atores que a idealizaram, construíram, firmaram e hoje ocupam aquele espaço.

Na ocasião, optou-se pela atenção às muitas vozes e por debruçarmo-nos sobre múltiplos registros, compartilhando histórias que ainda ecoam nas salas, corredores e dependências da instituição, onde certamente o que antes era particular passou a ser coletivo e público. Além disso, buscamos consubstanciar as reflexões aqui reveladas por meio da revisão da bibliografia acerca das questões sobre memória, história, passado, presente e futuro. Desse modo, o relato foi produzido numa perspectiva qualitativa de estudos.

Em 2018, a UMEI completou sua primeira década e percebemos nesse marco, uma oportunidade para valorizarmos o caminho percorrido e a comunidade em que seus passos foram firmados. Pois, acreditamos que saber a história de uma instituição significa resgatar e preservar sua memória, instituir e solidificar os vínculos afetivos, entendendo suas paredes e seu chão como algo bem além de um espaço físico, como um espaço social, onde cada um é

parte integrante de algo tão grande que não começa e nem termina onde nossos olhos puderam ou poderão alcançar.

[...] a História nunca está pronta, nem é absoluta. O fazer histórico é um processo permanentemente, vivo, que diz respeito a todos. Nesse sentido, a narrativa histórica transmite valores e visões de mundo e ajuda a compreender o que se vive hoje e o futuro que se deseja (KESSEL, 2003 p. 23).

Compartilhar memórias é uma forma de reviver a história. Seja a história de um sujeito ou de uma instituição traz valores, anseios, vitórias, sonhos, sofrimentos e significados. Park (2001, p. 26) aponta que “... trabalhar com memória é incluir ausências e silêncios”.

Le Goff (1992, p.477) assevera que “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. A investigação da memória coletiva nos induz a uma trajetória de conquista, que atrelada à história, leva-nos à liberdade, ao crescimento.

DESENVOLVIMENTO:

Um livro recebido pelas professoras no início do ano letivo chamado: A árvore das Lembranças, de Britta Teckentrup, que por sua delicadeza ao tratar a celebração da vida e a valorização dos que foram importantes para nós, a partir do resgate de suas lembranças, fez-nos refletir sobre o terreno fértil no qual nos debruçávamos em horário integral e quais frutos estaríamos produzindo. Por isso, em homenagem a todos que enraizaram essa história e às flores que insistimos em ver, mesmo diante da vulnerabilidade social que nos salta aos olhos, nasceu o Projeto: “A Árvore das Lembranças: raízes, flores e frutos em 10 anos de histórias”.

Consideramos importante conhecer, registrar e preservar na memória as raízes históricas e culturais para a formação de uma identidade local. Pedroso (1999, p. 56) nos diz que “... um povo que não tem raízes acaba se perdendo no meio da multidão. São exatamente nossas raízes culturais, familiares, sociais, que nos distinguem dos demais e nos dão uma identidade de povo, de nação”. Abaixo uma citação do mesmo autor (p.57) enfatiza melhor a importância de se conhecer as próprias raízes:

Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem devemos estar presos ao passado. Mas precisamos ser legítimos e só as raízes nos dão legitimidade

Partimos do pressuposto de que é preciso olhar para as pessoas, pois toda construção institucional é marcada pelos sujeitos que fazem parte dela. Nesse sentido, investimos em entrevistas com a família da Patrona da escola e com moradores mais antigos, residentes no entorno da Unidade Escolar e na escuta das narrativas feitas pelos pais/responsáveis e funcionários. As crianças também elaboraram perguntas para as entrevistas, conheceram mais de perto os funcionários e se fizeram conhecer, por intermédio de textos coletivos, desenhos e produções orais individuais.

Convidamos alguns autores para nos ajudar a pensar o conceito de memória. Bosi (1994:53), por exemplo, revela-nos que memória é “... a sobrevivência do passado e que o passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças” e Chauí (2005, p. 125), que traz a seguinte afirmação: “A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais”.

A ressignificação das práticas, a partir do envolvimento afetivo com a história da comunidade e consequentemente do fortalecimento da identidade coletiva, permite-nos repensar alguns espaços e fazeres, investindo em oficinas de artes, culinária, teatro, contação e reconto de histórias, entrevistas e rodas de conversas.

CONCLUSÃO:

Entendendo que a memória possibilita a reconstrução do passado e que quando individual pode ser fragmentada, solitária, mas que quando coletiva demonstra a representação dos indivíduos sobre uma dada realidade, temos a escola como um lugar de memória. A memória sendo o absoluto e a história, o relativo (NORA, 1993). Assim, a relevância deste estudo ocorreu a partir do objetivo central da investigação da memória da escola e dos homens e mulheres, que fazem daquele lugar um espaço de formação humana e da história da instituição, onde ao longo dos anos, em meio a situações adversas, muito tem a nos dizer e ensinar sobre formação docente e afirmação de direitos sociais.

Espera-se ter contribuído para que as memórias individuais ao se tornarem coletivas; onde comunidade, professores, alunos e funcionários ao relatarem suas memórias,

reconstruam a história da instituição escolar, onde, ao articular presente e passado, possam possibilitar o entendimento da própria existência. Desse modo, a memória implica ação, pois, no momento em que a lembrança atualiza os fatos, esse movimento reorganiza a percepção do real. Bergson (1999, p. 69) explica que:

[...] se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer, acabará por recobrir e submergir a outra.

Percebemos, assim, a imbricação de passado e presente para se perspectivar o futuro. E isso se dá num movimento constante e sucessivo de imagens que se perdem e se recuperam, recriando a realidade. O presente, então, nunca será apenas a imagem do que se vive agora e o homem sempre será a condensação da história que vive em sua memória.

REFERÊNCIAS:

BERGSON, H. *Matéria e Memória*: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1999.

_____. *A evolução criadora*. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2005.

KESSEL, Z. *A construção da memória na escola: um estudo sobre as relações entre memória, história e informação na contemporaneidade*. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

NORA, P. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

PARK, M. (org.) *Memória em Movimento na Formação de Professores*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

PEDROSO, S. F. *A carga cultural compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira*. 1999. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.